

CAIO RITER

O SOBREVIVENTE

PANDA BOOKS



Texto © Caio Riter

Direção editorial
Marcelo Duarte
Patth Pachas

Gerente editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais
Henrique Torres
Lais Cerullo

Assistente de arte
Samantha Culceag

Capa
Benson Chin/Casa Locomotiva

Diagramação
Carolina Ferreira

Preparação
Maísa Kawata

Revisão
Ronald Polito
Vanessa Oliveira Benassi

Impressão
Corprint

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R498s
Riter, Caio
O sobrevivente / Caio Riter. – 1. ed. – São Paulo: Panda
Books, 2025.

ISBN 978-65-5697-444-6

1. Ficção brasileira. I. Título.

25-98438.0

CDD: B869.3
CDU: 82-3(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária - CRB-7/6643



2025

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

Sessão 1	7
Sessão 2	12
Sessão 3	15
Sessão 4	18
Sessão 5	21
Sessão 6	24
Sessão 7	26
Sessão 8	31
Sessão 9	37
Sessão 10	42
Sessão 11	47
Sessão 12	52
Sessão 13	56
Sessão 14	61
Sessão 15	65
Sessão 16	68
Sessão 17	74
Sessão 18	77
Sessão 19	83

Sessão 20	87
Sessão 21	91
Sessão 22	96
Sessão 23	100
Sessão 24	104
Sessão 25	107
Sessão 26	111
Sessão 27	114
Sessão 28	119
Sessão 29	124
Sessão 30	129
Sessão 31	134
Sessão 32	141
Sessão 33	147
Sessão 34	153
Sessão 35	159
Sessão 36	163

PANDA BOOKS

Dias sim, dias não, eu vou
sobrevivendo sem um arranhão
da caridade de quem me detesta.

Cazuza

PANDA BOOKS

SESSÃO 1

Eu sou o Francisco. Minha mãe me chamava de Chico. Meu tio me chama assim também. Só vim aqui porque ele achou que seria bom pra mim. Só por isso. Não tenho muito o que falar. (...) Você ficou esse tempo todo me olhando, não desviou o olhar, nem fez nenhuma pergunta. Melhor. Melhor assim. Ando cheio de perguntas. (...) Não quero falar nada. Só vim aqui porque meu tio pediu, já falei. (...) Não sei se falar ajuda. Pessoas como você e o meu tio devem achar que sim. Pessoas como eu têm dúvidas. (...) Mas ficar em silêncio pode ser apenas perda de tempo e eu acho que a gente não tem muito tempo a perder na vida. (...) Sobrevivi à morte de minha mãe. Pelo menos até agora. Meu tio mudou a vida dele por minha causa, e eu, às vezes, só às vezes, sinto pena dele. Precisou deixar pra trás alguns sonhos. Por isso vim aqui: por ele, que colocou pra si mesmo a obrigação de cuidar de mim. E eu tinha nove anos, faltava um mês pro meu aniversário de dez anos; minha

mãe tinha prometido que me daria um celular, estava juntando dinheiro, ia fazer a festa naquele espaço em que o Claudinho fez os onze dele. Foi um aniversário muito legal, o do Claudinho. Mas aí. (...) Aí ela saiu pro trabalho, me deu um beijo no rosto, outro na testa. Ela sempre fazia assim. Disse que à noite ia fazer lasanha (eu gosto muito de lasanha), que o tio e a nova namorada iam jantar com a gente. Era sexta-feira. A porta fechou. E eu fiquei olhando pra ela, depois corri, abri a porta, gritei o nome da minha mãe, que eu não chamava de mãe:

– Manuela.

Minha mãe se voltou, sorriu, perguntou se havia acontecido algo.

– O que foi, filho?

– Nada, não. Só queria te dar tiau.

Ela acenou, enviou um beijo com a mão e mergulhou no elevador pra nunca mais. E não tive festa de aniversário naquele ano, nem nunca mais. (...) Meu tio não me deixou ver o corpo. Disse que era melhor eu guardar a imagem dela viva, sorridente, feliz. Eu concordei com ele; era apenas um guri de quase dez anos, completamente despreparado para essas coisas de morte. Hoje, por vezes, duvido se

fiz bem. Acho que deveria ter visto minha mãe no caixão. O corpo da minha mãe no caixão. Penso que tudo teria sido diferente, que eu não seria esse cara ensimesmado, que, sei lá, teria me despedido do jeito que um filho precisa se despedir. Não sei se estou certo. Não sei se meu tio fez bem. Claro que sei que ele pensava em mim, naquele garoto meio desesperado que eu era e que não entendia bem o que significava não ter mais mãe. Ah, o fato é que não sei mais nada. Mais nada. (...) Sobrevivi, é certo; sobrevivi aos olhares de pena dos professores, dos meus colegas, até dos meus vizinhos de prédio: pessoas que, antes, passavam por mim pelos corredores e nem sabiam quem eu era agora me davam bom-dia, agora diziam que, se eu precisasse de algo, era só bater na porta. Alguns diziam o número do apartamento; outros não, como se fosse óbvio que eu soubesse onde morava aquele tanto de estranhas gentes. E teve aquela senhora de cabelo lilás, acho que era a síndica, que falou o que pra ela parecia natural, mas não era, não. Pra mim, não era:

– E você vai morar com seu pai?

Nunca tive pai. Essas coisas de carinho de pai, de colo de pai, de jogar bola com pai ou ir aos jogos

do Grêmio com o pai; isso eu nunca tive. Nunca vi uma foto dele; não sei quem é (ou quem foi) meu pai. Era tão natural sermos minha mãe, eu e meu tio (às vezes, as namoradas do meu tio), que eu nunca senti falta de pai. Tá, sentir eu até sentia, sobretudo naquelas festas de escola, lá pelo mês de agosto, em que se comemorava (ainda se comemora, eu sei) o Dia dos Pais, e a gente tinha que fazer algum presente ou cartão. Eu fazia o cartão ou o presente e mentia que meu pai trabalhava numa empresa fora do país, que a gente era muito parecido, que eu tinha o mesmo nome que ele, que nos falávamos muito pela internet.

A verdade é que a minha mãe um dia resolveu ser mãe. E foi. Produção independente, ela disse. Eu era criança, acho que entendi ou que fingi que entendi, afinal nunca tinha tido pai. Será possível sentir saudade de algo que nunca se teve? Naquela época, antes de minha mãe morrer atropelada quando voltava do trabalho, eu achava que não.

Mas aí.

Aí o caminhão desgovernado me deixou sem mãe. Ficamos eu e o tio, agora sem namoradas. E às vezes penso sobre o que a minha mãe fez e fico com

raiva dela e me sinto culpado por sentir essa raiva, afinal ela não tá mais aqui pra se defender e tal. Mas acho que foi egoísmo. Não pensou em mim quando resolveu que eu não teria pai, que eu não merecia ter um pai. Não pensou que, se morresse jovem, eu ia ficar sem pai que me cuidasse.

PANDA BOOKS

SESSÃO 2

Há noites em que fico sozinho em casa; o tio diz que vai sair com os amigos e que, talvez, durma na casa de algum deles caso fique muito tarde. O talvez dele é sempre certeza. Se diz que talvez não vá dormir em casa, nós dois sabemos que não vai mesmo. Eu gosto, sabe? Fico até tarde vendo alguma série ou assistindo a algum filme alternativo, desses que, se perguntar pra um colega da escola (caso tivesse intimidade pra isso), ninguém jamais saberia do que eu estaria falando. Ninguém na minha idade, acho, vê esse tipo de filme. Preferem *Os vingadores* ou algum filme de aventura, tipo *Velozes e furiosos* número mil e pouco. Gosto dos filmes do Batman também, não de todos, só os mais góticos, que recuperam a real essência do Cavaleiro das Trevas. Ah, confesso que não sei de onde vem esse meu gosto. Só sei que gosto. Sou meio esquisito, sei disso. Meu tio prefere dizer que sou atípico, um cara diferente do óbvio; diz também que é legal ser diferente, que a gente se

destaca. Se destaca pela estranheza, isso sim. Mas não questiono meu tio; ele que pense o que quiser. O fato é que sou um estranho no ninho, se é que a escola em que estudo possa ser vista como um ninho. Estudar nela ou em qualquer outra não faria diferença alguma. O estranho sou eu e, pra onde for, levarei comigo minha esquisitice, é certo. Meu tio até já pensou em me mudar de escola.

Digo que não.

– Estou bem, tio. Não esquento.

Na verdade, não ando muito bem, não. É difícil olhar pros lados e não encontrar nenhum olhar de entendimento, nenhuma expressão simpática ou de afeto. Sou sozinho naquela sala de trinta e dois estudantes. Só eu e eu. Eu e mais eu. Eueueueu-sósempreeu. E vou levando, que logo o ano acaba, que logo tudo acaba. E daqueles adolescentes preocupados com o visual, preocupados mais em colar nas provas do que em aprender, não ficará qualquer lembrança. Eles talvez até se lembrem de mim, talvez em conversas futuras, quando se encontrarem pra relembrar os tempos de Ensino Médio, falarão do colega estranho (eu, no caso) e se perguntarão por onde andarei, o que estarei fazendo, se continua-

rei sendo o mesmo esquisitão de sempre. E o pior, Marília, é que não faço a menor ideia do que serei, não faço ideia. (...) Serei lembrança neles; eles serão nada em mim, só uma multidão homogênea, sem rostos, sem nomes, sem qualquer identidade, tipo essas pessoas por quem cruzo na rua ou no ônibus todos os dias.

Sou o esquisito. O diferente. E me tornei isso, acho, desde o primeiro dia na escola, quando um grupo de colegas me cercou e ficou fazendo um monte de perguntas idiotas. *Qual seu nome? De que escola você veio? Seu pai trabalha com o quê? E a sua mãe?*

(...)

É isso, por hoje é isso. Pra mim, que não estava querendo vir aqui, até que já falei bastante, né?